



ADFA

PORTE
PAGO

**ÓRGÃO
DA ASSOCIAÇÃO
DOS DEFICIENTES
DAS FORÇAS ARMADAS**

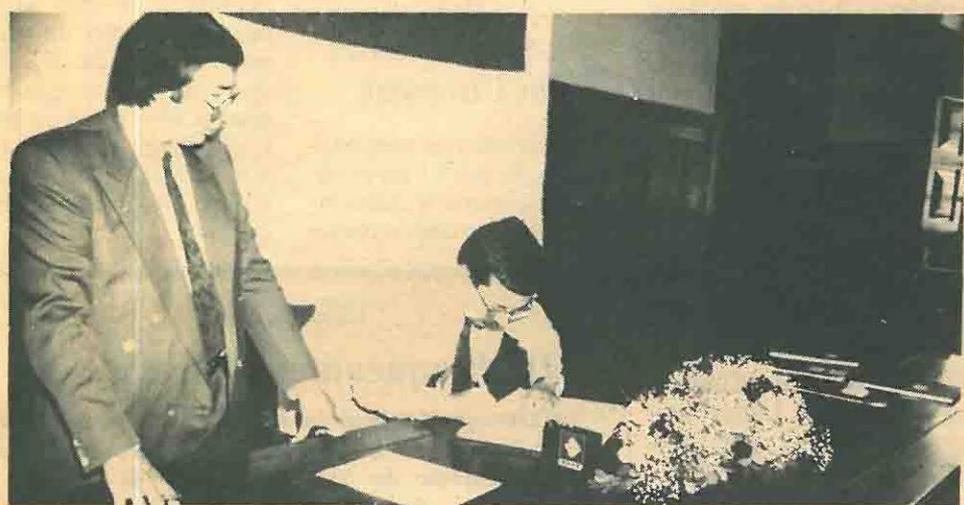
Ano XVII - N.º 201

DIRECTOR: PATULEIA MENDES

Mensário — Julho 1991 — 80\$00

ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃS SOCIAIS CENTRAIS E REGIONAIS

— BIÊNIO 91/93 —



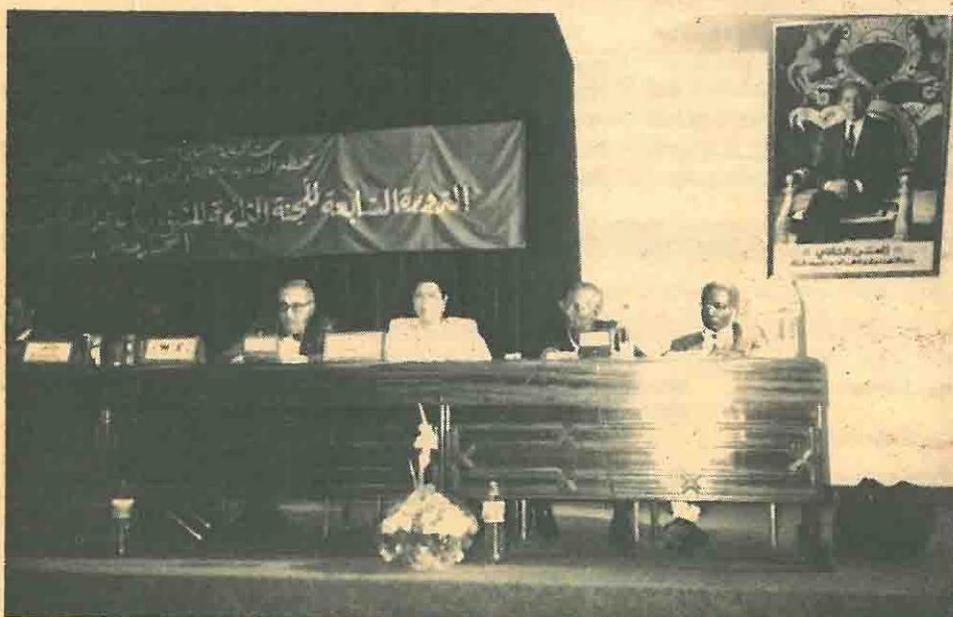
Realizado a nível nacional o acto associativo eleitoral, tomaram posse, na sede, a 13 deste mês, os sócios que integram os novos órgãos

Sócios convivem, participando!
Setúbal e Faro,
entre outras Delegações,
promovem
confraternizações



NOVA SEDE — Entidades oficiais continuam a interessar-se pelo desenvolvimento da obra

ADFA presente em várias e diversificadas áreas de intervenção



CPAA/ FMAC reuniu em Rabat

«Os combatentes têm o direito de esperar dos seus povos toda a solicitude e todo o reconhecimento pelos sacrifícios aceites»

HASSAN II



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

• Decreto-Lei n.º 211/91, de 14 de Junho, publicado no Diário da República, 1.ª Série, parte A, n.º 134, de 14 de Junho de 1991.

— Estabelece o novo regime do processo civil simplificado.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

• Decreto-Lei n.º 214/91, de 17 de Junho, publicado no Diário da República, 1.ª Série, parte A, n.º 136, de 17 de Junho de 1991.

— Elimina o regime especial sobre motociclos, barcos de recreio e aeronaves, criado pela Lei n.º 34/83, de 21 de Outubro.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

• Decreto-Lei n.º 223/91, de 18 de Junho, publicado no Diário da República, 1.ª Série, parte A, n.º 137, de 18 de Junho de 1991.

— Altera o Regulamento e a Tabela Geral do Imposto de Selo, aprovada pelo Decreto n.º 21916, de 28 de Novembro de 1932.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

• Lei n.º 22/91, de 19 de Junho, publicada no Diário da República, 1.ª Série, parte A, n.º 138, de 19 de Junho de 1991.

— Lei de alteração à Lei do Serviço Militar (Lei n.º 30/87), de 7 de Julho.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

• Decreto-Lei n.º 233/91, de 26 de Junho, publicado no Diário da República, 1.ª Série, parte A, n.º 144, de 26 de Junho de 1991.

— Altera o Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado e respectiva legislação complementar, nomeadamente os Decretos-Leis n.ºs 504-M/85, de 30 de Dezembro, 408/87, de 31 de Dezembro e 122/88, de 20 de Abril.

MINISTÉRIO DO EMPREGO E DA SEGURANÇA SOCIAL

• Decreto-Lei n.º 236/91, de 28 de Junho, publicado no Diário da República, 1.ª Série, parte A, n.º 146, de 28 de Junho de 1991.

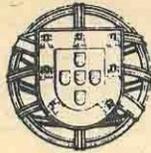
— Reformula, actualiza e simplifica o processo de pagamento das contribuições devidas às instituições de segurança social.



«Portugal em Viagem»

A convite do respectivo Conselho Directivo, a ADFA colaborou na semana cultural «Portugal em viagem», que a Escola Secundária de Gil Vicente levou a efeito de 17 a 21 de Junho p.p., através da presença e da intervenção do presidente da Direcção Central, num colóquio em que, no dia 18, também participou a Associação 25 de Abril, representada pelo coronel Carlos Fabião.

De salientar que já na própria Sessão de Abertura, presidida pelo Chefe de Estado, o dr. Mário Soares, após proferir uma alocução alusiva à temática geral proposta (Descobrimientos — guerra colonial — 25 de Abril-CEE), e entrando-se num período de perguntas e respostas, sugeriu aos estudantes que aproveitassem a presença do presidente da ADFA para lhe formularem as questões que achassem de maior interesse, o que veio a acontecer.



Ministério das Obras Públicas

No dia 19 de Junho, o 1.º secretário da Direcção Central e o responsável pelo DAGEP deslocaram-se à Secretaria de Estado das Obras Públicas onde o chefe de gabinete do respectivo titular, dr. Ponte Zeferino, que se



Lisboa Diferente

O Departamento de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa organizou, em 12 deste mês e na «Kikolândia» (terrenos do Clube Nacional de Natação, a São Bento), uma acção recreativa e cultural dedicada às crian-

ças e jovens deficientes da capital, para a qual convidou a ADFA.

Aproveitando a circunstância de se terem aí encontrado os presidentes da Edilidade e da Associação, foram trocadas impressões sobre vários assuntos de interesse comum, nomeadamente sobre a nova sede.

encontrava acompanhado pelo secretário-geral do Ministério, dr. Cunha Rego, lhes fez a entrega do cheque correspondente a um novo subsídio de dez mil contos para a construção da nova Sede da ADFA.

Associação dos Ex-Combatentes do Ultramar

Integrado nas comemorações do seu 9.º aniversário, organizou a Associação dos ex-combatentes

do Ultramar, com sede em Guimarães, um encontro nacional, com debate, subordinado ao tema, «África: de novo o apelo», o qual decorreu no dia 29 de Junho, na Pousada de Sta. Marinha da Costa.

Dado decorrer nesse dia o acto eleitoral, a Direcção Central fez-se representar pelo responsável pelo GOS e membro do Conselho Nacional, major Lopes Dias e pelo elemento do Conselho Fiscal Central, Armando Alves.

Na intervenção que então fez, após lida a mensagem da DC, o representante da Associação teve ocasião de afirmar, ao sublinhar a razão de ser e importância da ADFA, que «as guerras não terminam com o último tiro. Continuam nos feridos, nos órfãos, nas viúvas, enfim, nas vidas destruídas».

Última hora

Desbloqueamento de escalões

A Direcção Central da ADFA enviou já ao Secretário de Estado da Defesa Nacional um «Memorando» sobre a questão do desbloqueamento de escalões, no sentido de ser dada uma correcta interpretação ao D. L. 408/90, em conformidade com o espírito e a letra do D. L. 43/76.

FMAC

7.ª Reunião da CPAA

Decorreu em Rabat, de 30 de Junho a 5 de Julho, a 7.ª Reunião da Comissão Permanente dos Assuntos Africanos da Federação Mundial de Antigos Combatentes e Vítimas de Guerra, à qual assistiu, como convidado, e na sua dupla qualidade de Presidente da CPAE e de representante da ADFA naquela organização, o presidente da Direcção Central, José Arruda, acompanhado pelo 2.º Secretário, Artur Vilares.

Embora esperando poder dar informação mais detalhada sobre este acontecimento em próximo ELO, e após recebido o respectivo «Relatório», não queremos deixar de destacar já, da mensagem dirigida aos congressistas pelo rei Hassan II, representado pelo seu filho, o

príncipe herdeiro: «Os combatentes têm o direito de esperar dos seus povos toda a solicitude e todo o reconhecimento pelos sacrifícios aceites.

Uma das primeiras obrigações dos nossos países é de responder a essa expectativa pela elaboração de leis e pela criação de projectos que visem a melhoria da situação daqueles que devem merecer a melhor atenção e o maior interesse.»

Entretanto, e numa prova evidente da importância internacional que é reconhecida à União de Antigos Combatentes de Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, foi eleito para 1.º vice-presidente da CPAA, o secretário-geral da Associação de Antigos Combatentes de Angola.



União de Amigos Combatentes de Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau

Aproveitando a passagem por Lisboa, no seu regresso a Luanda após a reunião da CPAA em Marrocos, esteve na sede da ADFA, a tratar de

diversos assuntos respeitantes à União, o secretário-geral da Associação de Antigos Combatentes de Angola, coronel Agostinho José Neto.



Nota da Redacção

Preparando-nos para a praia, pensamos, dentro dos nossos normais condicionalismos de espaço, fazer um ELO mais leve, sem, contudo, deixar de dar as informações necessárias.

Por isso, embora o resultado não tenha sido o desejado, tentámos privilegiar a imagem, optar por alguns textos menos «pesados», adiando outros já na Redacção.

Duas chamadas de atenção, no entanto, porque o período de férias, livre de outras preocupações, pode, apesar de tudo, ajudar a pensar em coisas que, por vezes, esquecemos: as cartas em «Escrevem os sócios...» (e o desafio para umas tantas «crónicas estivais», por exemplo, actuais ou de recordação) e a continuação da transcrição parcial de «Recordação de Solferino» (já que a guerra, a dor e o sofrimento nem sequer fazem feriados...).



Propriedade, Administração e Redacção: ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS Palácio da Independência L. S. Domingos — 1194 Lisboa Codex Tel. 346 21 67/8/9 — Fax 342 83 36

Composto, revisto e impresso: INTERPRESS Gráfica, Rua Luz Soriano, 67 — LISBOA

Tiragem deste número: 9 500 exemplares

DIRECTOR: Patuleia Mendes

CHEFE DE REDACÇÃO: José Manuel Sande

Os textos assinados não reproduzem, necessariamente, as posições da ADFA ou da Redacção do ELO, sendo da exclusiva responsabilidade dos seus autores

Mensário distribuído gratuitamente aos sócios em situação legal e vendido por assinatura a não sócios ao preço anual (11 números) de 750\$00.

Quando a assinatura seja de fora de Portugal, os custos são acrescidos dos respectivos «portes», a saber:

Europa: 1800\$00
Fora da Europa: 2100\$00
(Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe: 1300\$00)

ADFA esteve...

VII Colóquio da Imprensa Militar



revista
da
ARMADA

N.º 234 / JULHO 1991 / ANO XXI / MENSÁRIO 70200

Realizou-se, de 10 a 12 deste mês, o VII Colóquio da Imprensa Militar, desta vez organizado pela «Revista da Armada», aproveitando o facto de celebrar, nesta altura, o seu 20.º aniversário.

Decorrendo os seus trabalhos na Academia da Marinha, à Sessão de Abertura presidiu o Chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Fuzeta da Ponte, tendo sido proferida pelo jornalista e analista político, dr. Nuno Rogeiro, uma interessante conferência sobre o papel e importância da comunicação social em situação de conflito armado, após o que se seguiu animado debate. Neste acto, a ADFA esteve representada pelo Presidente da Direcção Central, que se encontrava acompanhado pelo chefe de redacção do ELO.

No segundo dia, e depois do representante da revista da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar ter falado sobre «o que se pode e deve esperar da Imprensa Militar na cultura e na defesa nacional», foi a vez do Director do nosso jornal dissertar sobre «Deficientes militares, reabilitação e cooperação».

Iniciando a sua palestra

com uma breve resenha histórica sobre legislação específica, referindo especialmente o Código dos Inválidos, o Decreto-Lei 43/76 e as disposições, ainda recentes, sobre «grandes deficientes», Patuleia Mendes analisou a situação actual em função do que (muito) já foi feito, mas também do que (muito) ainda há por fazer. Não só no aspecto meramente material e social, como também no campo importantíssimo da reabilitação, considerada numa globalidade de facetas sempre interligadas e em permanente movimento de acção/actualização, sendo crucial que se aproveite a nossa experiência para um maior e mais forte desenvolvimento do campo da cooperação, nesta área tão específica e técnica, com os PALOP, muito em especial, dado o grande número de deficientes existentes, com os que integram a União dos Antigos Combatentes de Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

As restantes sessões de trabalho deste encontro, foram, na prática, preenchidas com o tratamento e discussão de outros temas propostos, e todos relacionados com a problemática da imprensa

militar, após o que se esboçaram algumas conclusões que serão objecto de «relatório» a apresentar às chefias militares e a enviar aos participantes. ELO, na altura, novamente se referirá ao assunto, embora se possa adiantar que já que o nosso jornal, nas suas intervenções, defendeu não só o interesse da continuação dos colóquios, como momento de análise e reflexão, como também sugeriu a criação de «semi-



nários», virados para campos técnicos mais práticos.

Na Sessão de Encerramento, a que presidiu, em nome do CEMA, o almirante Quesada de Andrade, Director do Instituto Superior Naval de Guerra, proferiu uma interessante conferência sobre «20 anos da Revista da Armada», o c/alm. Malheiro do Vale, personalidade a quem, durante todo o encontro, foi prestada homenagem, já que, sendo o fundador e maior entusiasta da revista, ainda hoje, como consultor

da sua Comissão de Redacção, continua a dedicar-lhe a melhor atenção e colaboração.

Finalmente, após a entrega dos prémios «Almirante Pereira Crespo» e «Comandante Joaquim Costa», a destacar trabalhos publicados em 1990, seguiu-se para a Messe de Cascais, onde se realizou um almoço com os participantes e convidados e onde foi realçado, nas intervenções feitas, o alto espírito que congrega

aqueles que, de forma amadora mas entusiasta, muitas vezes sem os meios necessários, asseguram e fazem a «Imprensa militar».

ELO, ao desejar ao c/alm. Joaquim de Carvalho Afonso, e a toda a sua equipa (ou equipagem?), parabéns e felicidades pela «Revista da Armada», não pode deixar de referir a forma extremamente gentil e simpática como foram recebidos e tratados os seus representantes, em todos os momentos e actos do VII Colóquio.

Cerâmica da ADFA FILARTESANATO

Decorreu de 7 a 14 deste mês, na FIL, a tradicional feira de artesanato que, reunindo este ano 121 expositores de mais de 30 países (do Afeganistão e China ao Peru, Brasil ou Uruguai, passando pela Bulgária, Irão ou

Marrocos e Malawi, por exemplo), foi a maior até agora realizada.

Quem lá foi, certamente se perdeu entre a riqueza (cultural) e variedade das milhares de peças expostas, sendo difícil dizer que havia uma feia. Des-

de a pequena peça de cerâmica ou de madeira, ao enorme tapete ou à mesa trabalhada (e que espantosa colecção a de jogos de xadrez, utilizando desde o onix ao cabedal, entre outros) com um enorme êxito para as pedras

brasileiras, a filigrana indiana ou as máscaras africanas, de tudo havia um pouco, mas nem tudo se podia comprar/pagar.

E, no meio de todo este mundo, misto de mercado (persa!) e de centro comercial, até com alguns restaurantes regionais, o pavilhão da ADFA não destoava, na apresentação da sua cerâmica e de outro artesanato que fossem os potes, as figuras, os pratos ou os azulejos, com natural destaque para os St.º António que, dias antes, haviam recebido o 1.º prémio no «Concurso Tronos de Santo António» (ceramistas iniciados do curso de Formação Profissional, que inclui invisuais) e para os brinquedos em madeira do nosso associado Carlos Matos Filipe (entrevistado para o Elo já em JUN86), que receberam, estes, o prémio da Feira destinado à «melhor embalagem».

EDITORIAL



PARTICIPANDO CONSTRUÍMOS O FUTURO

Escolheram os sócios da ADFA, no passado dia 29 de Junho, os novos Órgãos Sociais Centrais e locais.

Foi um momento associativo em que, individualmente, cada um exerceu um dever e um direito de carácter colectivo, responsabilizando outros a pegar no leme desta grande casa que é a Associação dos Deficientes das Forças Armadas.

Nós, os que fomos eleitos, distinguidos com uma confiança já transmitida em outras recentes ocasiões, esperamos continuar a saber escolher, também com o vosso apoio e entusiasmo, o melhor caminho.

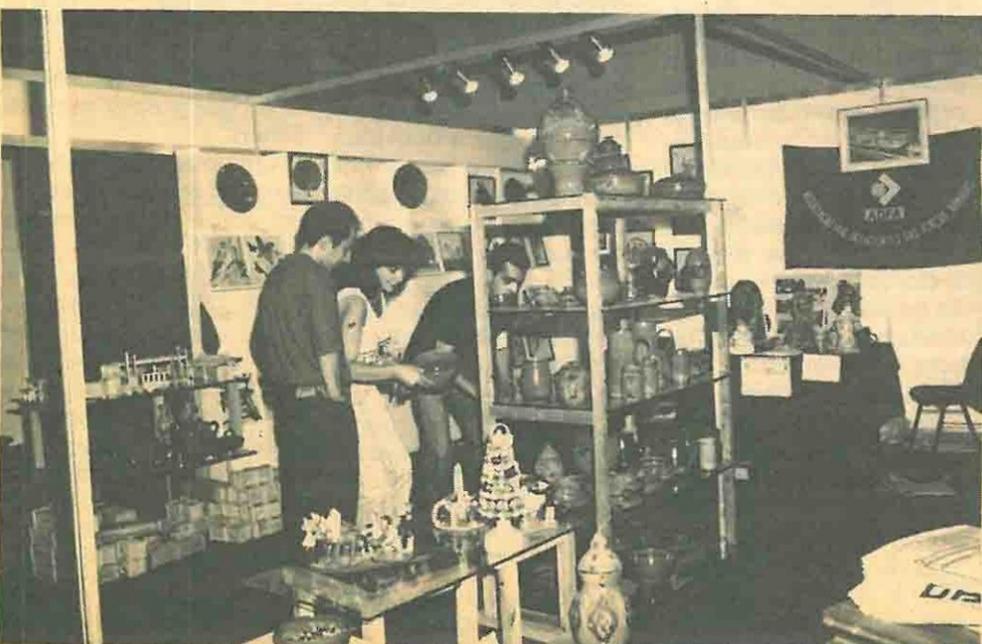
A vontade que move a Associação, é a força activa da participação dos sócios, a qual sempre nós fez avançar nos grandes desafios que, desde 1974, nos propusemos vencer. Sabendo que íamos, e vamos, viver muitas lutas e contrariedades, que ultrapassámos e ultrapassaremos, podemos, hoje melhor do que ontem, pela experiência do passado, avançar mais decididos, mas sempre atentos, convictos de que a nossa meta só será atingida quando o mundo da dignidade, do reconhecimento, da solidariedade e da verdadeira reabilitação chegar a todos os deficientes militares.

Os Órgãos Sociais Centrais da ADFA, ao assumir este novo desafio por mais dois anos, garantem que a vossa confiança merecerá de nós todo o respeito e empenhamento, na defesa e conquista dos nossos legítimos direitos, sendo o associativismo o mais forte motor da nossa força!

A DIRECÇÃO CENTRAL

ATENÇÃO à sua caixa do correio!

Não é propriamente publicidade ou anúncio de um qualquer concurso, mas sim a informação séria de que deve estar atento à sua caixa de correio na segunda quinzena de Setembro e ter em devida apreciação o que a Sede lhe vai então enviar.



ESCREVEM OS SÓCIOS...

Nesta secção do ELO iremos hoje publicar artigos, mais do que cartas, de dois dos nossos «correspondentes», um (já) bastante mais conhecido dos nossos leitores, de que o outro, esperando que da reflexão/desafio que fazem haja uma maior participação/resposta dos associados, e não só, até em correspondência ao apelo por nós tantas vezes feito nestas páginas, e como, aliás, é reconhecido.

PARTICIPANDO CONSTRUÍMOS O FUTURO

Recebemos, como vem sendo habitual, o número 200 do «ELO» em que ressaltavam as várias listas e programas eleitorais das Delegações e dos Órgãos Centrais para o biénio 1991/93.

A «papinha» vinha-nos toda feita, era só lermos e meditarmos um pouco, para vermos que aqueles que têm dado, dão e continuarão a dar muito do seu melhor em prol da ADFA e de todos nós, pretendem evitar que se caia no marasmo.

O EDITORIAL, do qual extraímos o presente título, da autoria do Presidente da Mesa da Assembleia Geral Nacional, tentava rebater-nos as (in)consciências mais indiferentes para participarmos mais na vida associativa em geral e no acto eleitoral de 29 de Junho em especial. Outros incitamentos à participação apareciam avulso no «ELO».

Pensamos que esta massificação de informação é sintoma de que são poucos os que vão apoiar ou criticar as sacrificadas Direcções. Quanto a nós, e porque felizmente não estamos em guerra, naturalmente com o decorrer dos anos, passamos a ser cada vez menos. Para tal a ADFA necessita de

mais empenhamento dos associados para manter a mesma força de outrora. As listas únicas são indicador de que já há poucos e quererem trabalhar gratuitamente para a ADFA.

Há muitos que ainda não são sócios e que devemos cativar, outros esquecem-se de pagar as quotas. Outros que não aparecem, ignoram a vida associativa e só olham, com avareza, para os parques escudos que têm de dar mensalmente para liquidar as quotas.

Onde estão os dias de luta? Onde estão os dias em que batemos à porta da ADFA para que nos ajudassem a conseguir aquilo que não sabíamos bem como? Onde está a dignidade conquistada a nível nacional e internacional?

É mais fácil destruir do que construir, não deixemos debilitar uma ADFA que ainda é forte, porque então seremos nós, DFAs debilitados, esquecidos e novamente apelidados de «coitadinhos».

Ainda temos na memória a revolta que sentia um herói de La Lyz, devido à injustiça que o atingiu.

O nosso alerta é para que nos aproximemos mais da ADFA, ainda que seja para criticar e que nos actos públicos mostremos a nossa força.

E por fim, colaboremos com o «ELO», apresentemos-lhe críticas e sugestões, a sua equipa também precisa do nosso apoio.

Jorge Lage

«O 'ELO' DEVERÁ SER...»

— à laia de «preâmbulo»

De há muito que penso que a ADFA deverá evoluir nas mais diversas áreas. O empirismo deverá progressivamente dar lugar a um trabalho de

base alicerçado em conhecimentos científicos, acompanhando assim a ADFA os tempos das novas tecnologias e novas mentalidades.

Num dia destes, em conversa com uma pessoa amiga, dizia-me ela não entender como ao fim de tantos anos, continua a ver o «ELO» como um jornal triste e sem chama onde, para além das notícias de índole associativo, são praticamente nulos os desenvolvimentos de matérias que não se resumam às deficiências, à guerra, ao lado negativo da vida, etc., etc.

Tal conversa foi para mim um toque de alarme, pois chamou-me a atenção para um facto que não deixa de ser grave.

Somos uma associação de deficientes, é uma realidade, mas não devemos estar obcecados com os problemas relacionados com as doenças, ferimentos e outros pensamentos negativos. Sem fugir das realidades, podemos e devemos dar um sentido alegre à nossa existência, desfaldando ao vento a bandeira da nossa juventude que de maneira nenhuma se pode ter perdido definitivamente com a amputações, as cegueiras e outras que tais.

O «ELO» deverá ser espelho vivo de uma geração que se viu confrontada com uma situação política adversa, tendo como papel e tarefa prioritária o de devolver aos associados o gosto pelo prazer da leitura, e não ser somente um manual de informações e notícias tristes.

Vamos lá erguer-nos, disse para mim.

Se é um facto que a redacção do «ELO» tem as suas responsabilidades, não é menos certo que cada um de nós tem de ser a chama que dê mais luz ao nosso jornal. É tempo de que o jornal seja o eco das opiniões de todos os sócios e que cada um seja

uma peça nesta engrenagem que se chama ADFA e fazer do «ELO» o lubrificante que dará mais sabor à nossa existência.

Que não se tenha receio dos virtuosismos literários e escreva-se para o «ELO». Um passeio, a descrição da sua terra, curiosidades familiares. Tanta coisa, que pode fazer do nosso jornal aquilo que realmente deverá ser: UM «ELO».

Vamos a isto?

SANTO ANTÓNIO NÃO É SÓ DE LISBOA. TAMBÉM É DE COIMBRA!

A maior freguesia de Coimbra, também uma das maiores do País, tem o nome de Santo António dos Olivais. Existe ali uma bela igreja com este mesmo nome. Existem sinais na bela cidade do Mondego de que a Lusa Atenas não foi apenas de Hilário, Pedro e Inês. Foi em Coimbra que o popular padroeiro da nossa capital bebeu a cultura, no Mosteiro de Santa Cruz. Foi em Coimbra que se tornou frade franciscano e sentiu inclinação para a pregação, com que viria a torná-lo famoso em todo o Mundo.

Se Santo António é de Lisboa por nascimento, se é de Pádua por ali ter vivido e morrido, é também de Coimbra, pois foi aqui que se formou e despertou para uma acção extraordinária.

Santo António nasceu em Lisboa nos finais do século XII.

Filho de mercadores, deram-lhe o nome de Fernando de Bulhões.

Frequentou em criança a escola da Sé de Lisboa, onde aprendeu e se iniciou nas primeiras letras. Desde muito novo manifestou grande apreço pela liturgia e a sua adolescên-

cia foi marcada por um certo misticismo.

Ainda antes dos 20 anos decidiu professar a vida religiosa, ingressando na Ordem dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, no Mosteiro de S. Vicente de Fora.

Depois de ter sido ordenado sacerdote, pretendendo aprofundar os seus conhecimentos, parte para Coimbra para o Mosteiro de Santa Cruz, também dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, afamado centro de cultura.

Pouco tempo depois de ter chegado a Coimbra, já se notabilizava: era o primeiro a levantar-se do catre, ainda de madrugada, era o melhor no coro, era quem mais se empenhava a cavar na cerca onde os religiosos cultivavam os mais diversos produtos hortícolas.

(Segue no próximo «ELO»)

José Maia
(sócio n.º 244)

Foi também recebida, uma outra carta, esta assinada pelo associado José Costa, a qual, dada a característica do pedido aí feito, se resolve transcrever na íntegra:

Somos dois reclusos que cumprem actualmente pena de prisão no Estabelecimento Prisional de Coimbra e, simultaneamente, somos ex-combatentes do Ultramar e, como consequência de acções em combate, deficientes das Forças Armadas.

Apesar de tudo, continuamos a manter o mesmo orgulho de ter lutado pela Pátria, quando o dever e a honra nos chamaram.

A razão principal desta carta prende-se com o seguinte facto: na Sala de Leitura da Biblioteca de Reclusos deste estabelecimento prisional é recebida e lida com muito agra-

do o jornal ELO, que é gentilmente enviado, e muito gostaríamos de ver publicado em próximo número o agradecimento público que, de seguida, passamos a transcrever na íntegra:

«Como deficientes das Forças Armadas e apesar da nossa actual situação de reclusos no Estabelecimento Prisional de Coimbra, consequência accidental das nossas vidas, temos direito a consulta e tratamento, em caso de doença ou necessidade, no Hospital Militar desta cidade.

Ora, não podemos deixar de manifestar publicamente o mais profundo reconhecimento pela forma extremamente cuidada e humana com que temos sido tratados pelo pessoal médico e paramédico em serviço nessa unidade hospitalar.

Desejamos agradecer particularmente ao sr. Major-Médico Cirurgião Dr. J. Luís Silva Santos toda a atenção, carinho e solidariedade com que nos tem acolhido, revelando um elevado sentido humanitário e profundas capacidades profissionais. Permitimo-nos mesmo sugerir a quem de direito que esse notável Homem possa ser louvado por mérito das suas inegáveis qualidades.

Bem-haja, Sr. Major-Médico Dr. Silva Santos!

Muito obrigado a todo o pessoal do Hospital Militar de Coimbra!»

Reiterando o nosso pedido para que este agradecimento possa ser publicado no jornal que é de todos nós e que tão bem tem defendido as aspirações e interesses dos deficientes das Forças Armadas.

José Benardo Valério
da Costa
(sócio n.º 6446)

Francisco José Vaz
Silva

«O ÁLCOOL MATA»

A partir para férias, aquele que devia ser o segundo artigo sobre este tema tão importante e que muito nos deve fazer reflectir.

Em Setembro esperamos poder publicar já, em novo artigo, um outro ponto de vista sobre esta matéria.

«Eu não sou alcoólico»

A fama internacional que Portugal conseguiu granjear através dos seus famosos vinhos tem sido ponto de honra para todos nós.

O outro lado da moeda é bem mais negro: somos

dos países com maiores índices de alcoolismo.

O alcoolismo é uma «perturbação crónica do comportamento, manifestada pela ingestão repetida de álcool que excede o uso social e diatéctico da comunidade e que interfere na saúde física e psicológica da pessoa que bebe e no seu funcionamento familiar social e económico».

Existem três tipos de abuso e dependência crónica do álcool: o primeiro consiste na ingestão diária de grandes doses de álcool (é provável que neste caso o estado de embriaguez raramente seja atin-

gido); o segundo diz respeito ao consumo regular excessivo, limitado aos fins de semana; no terceiro caso, longos períodos de sobriedade são intercalados com ingestões elevadas de álcool que podem durar vários dias, semanas ou meses.

A diferença entre um bebedor normal e um excessivo reside no número de calorías que o indivíduo obtém do álcool em relação à cifra total da sua dieta.

A passagem para o beber excessivo pode levar anos. Entretanto, inúmeros sinais do consumo inadequado vão-se tornando cada vez mais evidentes: beber fora das refeições e este beber passar a ser prioridade em relação a outras actividades; beber

mais do que o habitual; beber frequentemente sozinho; beber muito rapidamente.

Para além destes sinais, o uso inadequado do álcool poderá trazer graves repercussões tanto a nível orgânico (ex: cirrose hepática), quanto psicológico, familiar e social. Deve-se ter também em conta os efeitos a nível socio-económico, sob a forma de gastos em assistência médica, baixas laborais, acidentes de viação ou de trabalho, etc.

O acto de beber passa a ser prioridade em relação a outras actividades, adquirindo cada vez maior importância na vida de pessoa. A garrafa seá a companheira, a amante, a razão da sua existência.

Através do álcool, os problemas da vida diária serão resolvidos, dado deste tóxico se obter um assinalável efeito ansiolítico e desinibidor do comportamento. Assim, os problemas pessoais e sociais com que o indivíduo se confronta e perante os quais se angustia, são ultrapassados, com o alívio da ansiedade provocado pelo álcool, o que vai reforçar ainda mais o comportamento do beber.

O estabelecer do diagnóstico e tratamento do alcoolismo torna-se muito difícil e pode ser impedido pela capacidade do alcoólico em disfarçar o seu consumo excessivo de álcool.

Embora muitos alcoólicos reconheçam o seu problema da bebida, um

número igualmente grande é resistente a essa ideia.

Tal facto é um mecanismo psicológico de defesa, destinado a proteger o alcoólico do reconhecimento de que precisa parar de beber.

Qualquer tratamento do alcoolismo tem de ter em conta duas premissas fundamentais: o tratamento não pretende converter o alcoólico em bebedor normal, mas sim num abstémio perpétuo e ele só é útil e eficaz quando o alcoólico se assume como tal, quando está determinado e motivado em parar de beber e deixar de repetir a frase de há tanto tempo: «EU NÃO SOU ALCOÓLICO».

Dr.ª Paula Frazão
(Psicóloga)

CENTRO DE REABILITAÇÃO DA ADFA — PORTO

Possivelmente haveria ainda mais qualquer coisa a escrever sobre a «filosofia» que preside à permanente evolução e melhoria de trabalho do nosso Centro de Reabilitação. No entanto, a par do já quase crónico problema de falta de espaço com que nos debatemos (o que por um lado é bom e significativo), a contínua chegada de notícias «concretas» sobre várias actividades daquele organismo, levam-nos, mais uma vez, a ter que decidir pelo «prático» em desfavor do «teórico».

Cremos que é compreensível a opção.

Campanha de promoção da imagem do Centro

No contacto diário com os nossos utentes, constata-se existir na opinião pública uma ideia errada relativamente ao Centro: pensam as pessoas que ele se destina apenas a apoiar os «militares», como dizem. E não são apenas os utentes: são também os médicos, os terapeutas, os responsáveis dos hospitais e outros profissionais que não encaminham os deficientes por julgarem que não é possível fazê-lo. É curioso ver o espanto que apresentam quando se lhes diz que não é assim!

Foi na sequência disso que se decidiu fazer uma campanha publicitária de promoção de imagem do Centro.

Decorreu entre princípios de Maio e princípios de Junho através de dois meios:

— *Imprensa* — «Jornal de Notícias» e «Público», em dois fins-de-semana;

— *Rádio* — Rádio Nova (Porto), RDP Norte e Rádio Renascença

(Emissão Regional Norte), durante o período referido.

A encerrar a campanha, foi enviado um «mailing» a todos os profissionais e instituições envolvidas no problema — cerca de 600.

Embora seja ainda cedo para avaliar a eficácia da campanha, surgiram já resultados, quer em termos de contactos por parte de pessoas quer em termos de instituições.

Participação Dia dos Proponentes do TIDE

A Comunidade Económica Europeia criou a Acção Piloto TIDE — Tecnologias de Comunicação, Controlo e Informação para Deficientes e Idosos — tendo como objectivo fundamental a resolução dos problemas específicos causados pela deficiência e pela velhice, através do recurso às tecnologias disponíveis, melhorando assim a qualidade de vida dessas pessoas. Trata-se efectivamente de uma iniciativa que revela a importância que a CEE atribui às questões sociais e que mostra que de facto a CEE não é apenas uma comunidade económica, mas também uma comunidade política e social.

No dia 29 de Abril a Direcção-Geral XV da Comissão organizou o Dia dos Proponentes com o objectivo de apresentar a Acção Piloto TIDE e promover os «encontros casamenteiros» entre diversas entidades do espaço comunitário, uma vez que os projectos terão de ser desenvolvidos por consórcios europeus.

De entre as linhas de acção do programa, há duas com um interesse muito especial para o trabalho do Centro:

— análise de requisitos para integração de deficientes no ambiente de trabalho;

— técnicas inovadoras de fabrico no âmbito da tecnologia de reabilitação.

Neste contexto o Centro fez-se representar na referida sessão de apresentação, e logo aí, foram estabelecidos contactos para a formação de consórcios e apresentação de projectos nos domínios que nos interessam.

Na sequência desse trabalho, foi já apresentada, em Junho, a candidatura de um consórcio europeu, que conta com a participação do Centro, à primeira linha de acção referida:

Projecto MODEMA

Esta proposta, elaborada, como indicado, por um consórcio composto por 7 parceiros de 5 países europeus, a saber: Bélgica (líder do projecto), Inglaterra, Noruega, Espanha e Portugal, repleto deste pelo Centro de Reabilitação da ADFA, tem como objectivo fundamental a construção de um modelo explicativo da integração de indivíduos com deficiência no contexto do ambiente de trabalho.

Este modelo poderá ser usado por promotores de emprego, empregadores e outros profissionais ligados à reabilitação de deficientes, para o que será dotado com «interfaces» adequadas.

O modelo será representado por um demonstrador inteligente (programa de computador) montado numa plataforma multimédia que permitirá:

— informação estatística e de legislação relacionadas com postos de trabalho para deficientes nos

países membros do consórcio;

— descrição do ambiente de trabalho;

— requisitos do posto de trabalho para deficientes;

— informação relacionada com instituições ligadas à colocação de deficientes no mundo do trabalho;

— material áudio e vídeo ligado a estudos de casos particulares de deficiências no contexto do ambiente de trabalho.

Congresso e Feira Internacional para Ortopedia e Técnicas de Reabilitação

Decorreu entre 8 e 12 de Maio um congresso internacional e um salão sobre um domínio específico da reabilitação, o da ortopedia.

Dado o elevado interesse do congresso para o trabalho do Centro, participaram nele o director do Centro e o dr. Mário Jorge, médico fisiatra.

Para além dos aspectos científicos bordados no congresso, houve ainda oportunidade de tomar contacto com a mais variada gama de produtos e técnicas espalhadas por oito pavilhões, provenientes de todo o Mundo, nomeadamente algumas importantes inovações apresentadas, quer ao nível dos materiais quer ao nível das técnicas.

Foi de facto muito importante a participação neste acontecimento, uma vez que foram estabelecidos novos contactos com empresas com produtos e soluções importantes para o Centro. Neste âmbito destacam-se as trocas de impressões com diversas entidades

sobre a metodologia CAD/CAM — desenho e produção de próteses e outras ajudas técnicas assistido por computador. A curto prazo haverá agradáveis notícias sobre este assunto!

Curiosamente, aconteceu também na feira um encontro com o director e a directora clínica do Centro de Medicina Física e de Reabilitação de Luanda que procuraram o nosso apoio para determinados desenvolvimentos que pretendem imprimir no trabalho em curso. Posteriormente a directora clínica deslocou-se ao nosso Centro onde foram analisados os problemas e as hipóteses de cooperação concreta.

O Centro coopera com outras entidades

Foram recentemente assinados dois protocolos de cooperação entre o Centro de Reabilitação e a Câmara Municipal de Gaia e o Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto, respectivamente, no sentido de, reconhecendo-se, em qualquer dos casos, a convergência de interesses e a prossecução de objectivos sociais comuns, em conjunto colaborarem no apoio à população deficiente. Pelo seu interesse, eis os pontos práticos dos documentos:

— **Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia**

1 — As duas entidades disponibilizam-se para a realização conjunta de estudos visando conhecer, aprofundar e desenvolver as melhores respostas à população deficiente do Conselho.

2 — A Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia disponibilizará, na medida do possível, postos de trabalho e locais de estágio para os utentes do Programa de Formação Profissional do Centro residentes no Concelho.

3 — O Centro apoiará a Câmara sempre que seja necessário um processo de readaptação ao trabalho com qualquer elemen-

to dos seus quadros, vítima de acidente ou doença invalidante.

4 — O Centro disponibilizará os seus serviços técnicos para apoio à Câmara no domínio da mobilidade e acessibilidade das pessoas deficientes, designadamente pela eliminação de barreiras arquitectónicas.

5 — A Câmara disponibilizará e entregará ao Centro uma verba a estipular no início de cada ano para financiar/apoiar financeiramente a aquisição de ajudas técnicas por parte de deficientes seus munícipes com carências económicas, a qual será gerida em colaboração com a Divisão de Saúde e Acção Social.

— **Centro de Paralisia Cerebral**

1 — As duas entidades empenhar-se-ão no desenvolvimento conjunto de projectos de investigação que respeitem a população que constitui preocupação comum, em áreas de interesse mútuo.

2 — O Centro de Reabilitação da ADFA fará a avaliação/orientação de todos os candidatos encaminhados pelo Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto, disponibilizando este toda a colaboração possível.

3 — O Centro de Reabilitação da ADFA integrará nas suas acções de formação os candidatos encaminhados pelo Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto, sempre que o seu perfil de competências/aptidões viabilize a sua integração profissional.

4 — As duas entidades cooperarão na procura de soluções originais e inovadoras, servindo os problemas particulares que se deparam à pessoa com paralisia cerebral no domínio do emprego.

5 — O Centro de Reabilitação da ADFA disponibiliza-se para produzir ajudas técnicas a fornecer aos utentes do Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto, para cuja concepção e desenvolvimento contribuirá a segunda entidade.

• DELEGAÇÕES •

BRAGANÇA

Por motivo de férias do seu funcionário, a Delegação de Bragança encerra os seus serviços entre os dias 15 de Julho e 9 de Agosto, inclusive.

SETÚBAL

Conforme ELO de Junho, decorreu no Parque de S. Paulo, no dia 6 deste mês, em organização (já) tradicional da Delegação, uma animada sardinhada, da qual se dão mais (mas curtas) notícias na última página, já que, aí (e lá), as imagens valem por milhares de palavras.

UISEU

Exposição e conferência

Em colaboração com o Instituto de Juventude, e integrado no curso «Jovens Gestores Associativos 90/91», levou a efeito a Delegação de Viseu da ADFA, uma exposição fotográfica na Escola Secundária Viriato, focando os temas: O que é a ADFA, quem são os deficientes das Forças Armadas, e o que foi a guerra colonial.

A exposição realizou-se de 15 a 18 de Abril, demonstrando bastante interesse todos os alunos e professores, o que levou a que a Delegação convidasse para o desenvolvimento destes temas, o as-

sociado major Jorge Maurício, o qual mostrou ser um profundo conhecedor de todas as áreas focadas. De salientar, mais uma vez o interesse dos alunos e seus mestres que, durante duas horas, se manifestou numa palestra participada em que houve bastante diálogo, demonstrando os jovens estudantes grande vontade em aprofundar os seus conhecimentos.

Derivado ao êxito obtido a exposição, a pedido do Conselho Directivo da Escola, prolongou-se até ao dia 21.

A Direcção da Delegação de Viseu, agradece à Escola Secundária Viriato e ao Instituto de Juventude, a colaboração prestada e ao mesmo tempo aproveita para dizer que a

ADFA está sempre aberta a estas iniciativas.

25 de Abril

A Delegação esteve em actividade, fazendo parte organizadora, nas comemorações do 25 de Abril, juntamente com outras associações do distrito de Viseu, tendo para o efeito o apoio do Governo Civil, Câmara Municipal, Danone e Rádio NOAR.

Do seu vasto programa, salientamos o espectáculo musical com Francisco Fanhais, e os Fura-Fura (de Tondela) o Grande Prémio (25 de Abril), em atletismo, e o jantar comemorativo, com a presença de diversas entidades do distrito.

De salientar o bom trabalho realizado e a presença da ADFA-Delegação de Viseu no exterior.

SÓCIOS FALECIDOS

Domingos Lopes da Silva, sócio n.º 3482, natural de Negreiros e residente em Macieira, concelho de Barcelos, faleceu no passado dia 23 de Março de 1991.

Sócio com 28 por cento de desvalorização, sofreu o seu acidente em Moçambique aquando rebentamento de uma mina anti-carro.

Deixa viúva a Sra. Dona Arminda Ferreira de Oliveira e um filho.

Hermínia ds Virtudes Aniceto, sócia n.º 11896, natural e residente em Ponte de Rol, concelho de Torres Vedras, faleceu no dia 1 de Junho de 1991.

Pensionista de preço de sangue por seu filho José Luís Gomes.

Aos familiares e amigos destes nossos sócios apresentamos as mais sentidas condolências.



ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

ELEIÇÕES ASSOCIATIVAS BIÊNIO 91/93



J.M.S.

Decorreram em todo o país — Sede, Delegações e Núcleos —, as eleições para os Órgãos Sociais Centrais e Regionais, às quais concorreram, conforme «Caderno Eleitoral» do ELO último, apenas listas únicas propostas, todas elas, pelos corpos directivos anteriores.

Sem pretendermos especular sobre tal, apenas constatamos o facto de, apesar de tudo, o número de votantes, embora um sábado de excelente e reconfortante praia familiar, ter sido superior ao de há dois anos.

E passemos já aos votos, recordando, para além da lista completa dos elementos dos órgãos centrais (com excepção do Conselho Nacional), os nomes que integram as direcções de Delegação.



J.M.S.

ÓRGÃOS SOCIAIS CENTRAIS

MESA DE ASSEMBLEIA GERAL NACIONAL

Presidente: Joaquim Francisco Couceiro Ferreira, sócio n.º 1
1.º Secretário: José Eduardo da Nave Pina, sócio n.º 5134
2.º Secretário: Alberto Brum da Costa, sócio n.º 9.

DIRECÇÃO CENTRAL

Presidente: José Eduardo Gaspar Arruda, sócio n.º 593
Vice-Presidente: António Manuel Garcia Miranda, sócio n.º 3097
1.º Secretário: Cândido Manuel Patuleia Mendes, sócio n.º 519
2.º Secretário: Artur José Caldeira Vilares, sócio n.º 8626
Tesoureiro: Armindo Marques Matias, sócio n.º 53

CONSELHO FISCAL CENTRAL

Presidente: José Santos Couto Ramos, sócio n.º 234
Secretário: Manuel Luís Gonçalves Botelho da Costa, sócio n.º 5112
Relator: Augusto António Catarino Salgado, sócio n.º 6627
1.º Vogal: José Carlos Ferreira Pavoeiro, sócio n.º 8617
2.º Vogal: Manuel José Silva, sócio n.º 9748

	(nível regional)	(nível nacional)
Total de votantes	281	1334
Votos brancos	6	42
Votos nulos	4	13
Votos válidos	271	1279

BRAGANÇA

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: Olímpio Sebastião Ferreira, sócio n.º 8287
Secretário: Domingos António Seca, sócio n.º 2778
Tesoureiro: José Manuel Rodrigues Cristóvão, sócio n.º 2789

Total de votantes	54	Votos válidos	53
Votos brancos	1	Votos nulos	0

CASTELO BRANCO

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: José Eduardo Garrido Nunes, sócio n.º 1806
Secretário: José dos Santos Correia Vila, sócio n.º 1832
Tesoureiro: António Roque, sócio n.º 11350

Total de votantes:	103	Votos válidos	94
Votos brancos:	4	Votos nulos	5

COIMBRA

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: José Martins Maia, sócio n.º 244
Secretário: Vítor Manuel Silva Oliveira, sócio n.º 218
Tesoureiro: Aires Gonçalves Martins, sócio n.º 1550

Total de votantes	147	Votos válidos	147
Votos brancos	0	Votos nulos	0

ÉVORA

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: Manuel Teixeira Gil, sócio n.º 9651
Secretário: João Carlos Figueiredo Nobre, sócio n.º 2262
Tesoureiro: Florentino Joaquim Polido Valadas, sócio n.º 2426

Total de votantes	36	Votos válidos	33
Votos brancos	2	Votos nulos	1

FARO

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: José Nicolau Rufino, sócio n.º 384
Secretário: João Ângelo Fernandes, sócio n.º 7859
Tesoureiro: José Manuel das Neves Perpétua, sócio n.º 2387

Total de votantes ..	41	Votos válidos	40
Votos brancos	1	Votos nulos	0

FUNCHAL/Madeira

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: Armando Augusto Vieira Costa, sócio n.º 8984
Secretário: Arnaldo Rosa Freitas, sócio n.º 10845
Tesoureiro: José Estêvão Abreu, sócio n.º 9074

Total de votantes	110	Votos válidos	110
Votos brancos	0	Votos nulos	0

PONTA DELGADA/Açores

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: Jaime Fernando Leite Domingues, sócio n.º 5919
Secretário: Moisés Pereira da Luz, sócio n.º 5520
Tesoureiro: Manuel Pereira de Medeiros, sócio n.º 8038

Total de votantes	58	Votos válidos	58
Votos brancos	0	Votos nulos	0

PORTO

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: José dos Santos Rodrigues Teixeira, sócio n.º 1201
Secretário: António da Silva Reis dos Santos, sócio n.º 6784
Tesoureiro: Joaquim Sequeira Ferreira, sócio n.º 3420
1.º Vogal: Amadeu Artur Felgueiras, sócio n.º 1080
2.º Vogal: Bernardino Guimarães Correia, sócio n.º 6220

Total de votantes	269	Votos válidos	247
Votos brancos	19	Votos nulos	3

SETÚBAL

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: José Maria Rosa, sócio n.º 52.
Secretário: Abílio Marques Loureiro, sócio n.º 4899
Tesoureiro: António Lucas dos Santos, sócio n.º 4470

Total de votantes	52	Votos válidos	51
Votos brancos:	1	Votos nulos	0

VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: Anquises Fernandes Cróccia Barbosa de Carvalho, sócio n.º 3505
Secretário: António da Silva Marques, sócio n.º 170
Tesoureiro: Henrique José Pereira Rodrigues, sócio n.º 6459

Total de votantes	114	Votos válidos	108
Votos brancos	6	Votos nulos	0

UISEU

DIRECÇÃO DE DELEGAÇÃO

Presidente: João Manuel dos Santos Gonçalves, sócio n.º 684
Secretário: Bernardino António Azevedo, sócio n.º 3
Tesoureiro: José Manuel Almeida do Carmo, sócio n.º 2876

Total de votantes	69	Votos válidos	67
Votos brancos	2	Votos nulos	0

TOMADA DE POSSE DOS NOVOS ÓRGÃOS SOCIAIS



Efectuadas as eleições no dia 29 de Junho, com os resultados atrás mencionados, realizou-se, já no passado dia 13 deste mês, o acto de posse dos novos órgãos sociais, na sede da ADFA, em Lisboa.

Assim, e após lida a Acta da Assembleia Geral (desdobrada) que constitui o acto eleitoral, e indicados os respectivos resultados nacionais e regionais, pelo presidente ainda em exercício, da MAGN, dr. Reis Santos, deu este posse à nova Mesa, não podendo estar, infelizmente, presente o novo presidente, já que, ao chegar a Lisboa, vindo do Porto, o guardava a notícia do falecimento de sua mãe, pelo que teve de, imediatamente, regressar. ELO, neste momento doloroso para o sócio n.º 1, combatente de sempre, não quer deixar de, em nome das suas direcções e redacção, e também dos seus leitores, apresentar a Couceiro Ferreira e sua família as suas sentidas condolências.

Assinado o livro pelos 1.º e 2.º secretários da nova MAGN, respectivamente associados José Eduardo Pina e Alberto Brum da Costa, o sócio Reis Santos proferiu algumas palavras de despedida, do cargo da sua delegação para continuar a trabalhar para a Associação, fazendo uma análise do percurso percorrido, o qual, se nem sempre foi fácil e compreendido, teve o mérito, assumido, de ser leal e franco, procurando-se dar ao cargo, e ao órgão, na sua globalidade, dinamismo, prestígio e autoridade.

Seguidamente, e perante a nova mesa, tomaram posse os vários membros dos órgãos sociais centrais, a que se seguiram os presidentes das mesas de Assembleia Geral de Delegação, com excepção de Évora, que não compareceu à cerimónia, presidente esses que por sua vez, nas diversas delegações darão posse aos restantes elementos dos

respectivos órgãos regionais.

Usando da palavra, em rápido improviso, o presidente da Direcção Central, após lamentar a ausência, e sua razão, do novo presidente da MAGN, analisou, também, o trabalho dos dois últimos anos, agradecendo ao sócio Reis Santos o seu contributo e a sua

A encerrar a sessão, a mesa pelo seu 1.º secretário, leu uma mensagem que, pelo seu conteúdo, quase programático, se transcreve na íntegra.

Antes porém, dizer que esta jornada associativa se prolongou por animado almoço na sede, e onde, não havendo discursos, se afirmou, mais uma vez, em cada conver-



colaboração. Recordando que, certamente, em 1993, a nova cerimónia de posse já não será realizada no Palácio da Independência, referiu que o facto de terem aparecido só listas únicas a estas eleições, responsabiliza ainda mais, se isso é possível, os elementos que se propuseram, já que tal pode corresponder a que os sócios achem não ser necessária alternativa à forma como a ADFA está a ser dirigida.

José Arruda terminaria, afirmando que a razão da recandidatura se prendia, em simultâneo, com um assumir de 17 anos de luta e com a procura de mais aprender, contribuindo e participando, na também reafirmação do espírito do III Congresso.

sa e em cada abraço, a grande vontade de maior união, participação e força.

Caros associados: acabamos todos de assumir a responsabilidade de, durante os próximos dois anos, dar mais uns passos na caminhada da nossa associação na prossecução dos objectivos que se propôs há 17 anos.

É ocasião de prestar homenagem àqueles sócios que, dando o melhor de si, generosamente dedicaram tempo e esforço à causa e que agora cessaram funções.

Igualmente saudamos os que decidiram continuar o desafio e também, muito especialmente, aqueles que agora iniciam o seu período de trabalho associativo.

Analisando os últimos

anos da vida associativa, fácil é constatar a dimensão e importância das tarefas que esperam os órgãos agora eleitos, que vão exigir dos seus membros grande empenhamento e dedicação, no quadro de disposições estatutárias que, embora necessitando reconhecidamente de revisão, continuam entretanto a vigorar.

Podemos destacar duas questões primordiais, que nos merecem particular atenção e que devem suscitar a preocupação e o penho de todos os eleitos:

1.º — A revisão estatutária, decidida pelo III Congresso, de cujo processo foi incumbida a MAGN.

O facto dela não se ter concretizado, como esteve previsto, durante o mandato anterior, impõe — até pelo interesse manifestado por largas camadas de sócios — que mereça de todos os empossados o compromisso de, respeitando o calendário já estipulado, con-



2.º — A dinamização associativa, nas múltiplas vertentes que pode tomar e que os responsáveis da nossa casa sempre querem promover, embora as acções nem sempre tenham sido eficazes, frequentes ou suficientes, como muitos sócios têm feito notar.

Neste capítulo, há que exceder as meras intenções, tantas vezes enunciadas e multiplicar as iniciativas, junto das delegações e sócios espalhados pelo país, incentivando e apoiando as suas próprias ideias e realizações — promovendo sempre que possível intercâmbios.

Relativamente às responsabilidades que a MAGN entende ser suas, propomo-nos pugnar pela coesão interna em torno dos grandes ideais definidos estatutariamente, incentivando o diálogo permanente no respeito pelo direito à diversidade de opiniões.

Neste contexto é nossa intenção:

a) Assegurar a dinamização do processo de revisão estatutária nos termos já referidos;

b) Valorizar a participação do Conselho Nacional — como órgão qualificado representativo de todos os sócios, através das suas dele-

gações — levando à sua apreciação assuntos que, pela sua importância, se considerem de carácter nacional, em termos de ADFA;

c) Contribuir para uma melhor circulação da informação associativa, em complemento de outros canais, participando em reuniões, nas delegações, com os seus responsáveis e associados;

d) Incentivar e apoiar activamente, em conjugação de esforços com a Direcção Central todos os projectos locais de sensibilização da sociedade envolvente e jornadas de confraternização associativa.

Só nos parece viável a concretização destes planos se houver, durante os dois anos que temos pela frente, um forte espírito de solidariedade activa entre todos os órgãos sociais.

A honra dos desafios que orgulhosamente a ADFA aceitou em tempo recente, assim o exige.

Estamos certos que este espírito já existe.

Estamos confiantes que, com serenidade e desprendimento, mas com a responsabilidade que a seriedade das nossas intenções impõe, saberemos reforçar a solidariedade, cultivando o debate franco de opiniões.

tribuírem para a realização da necessária assembleia geral até meados de 1992.



Nós com os outros

A coluna auto da CCAC 174 deslocava-se, em reconhecimento, de Moatize para Mavuze (Moçambique), naquele quente dia de Julho de 63, quando, ao passar sobre uma improvisada ponte feita de troncos de árvore, uma das viaturas caiu ao rio. E aí, entre bidons, caixotes e outros destroços, dabatia-se, mais gravemente ferido, um dos vários militares projectados à água. Evacuado, logo que possível, para a enfermaria da unidade e depois, sucessivamente, para os Hospitais Militares de Tete, Beira e Estrela, o traumatismo craneano que sofreu, acompanhado por uma fasciolíase, provocou-lhe, ao fim de demasiado tempo de sofrimento, a cegueira total, pelo que, ao soldado ALBERTINO FLORES SANTA-NA, foi atribuída uma incapacidade de 100% (em serviço).

Frequentando, para reabilitação, a Fundação Raquel e Martin Sain, conhece então Bernardo Santareno, seu psicólogo, que...

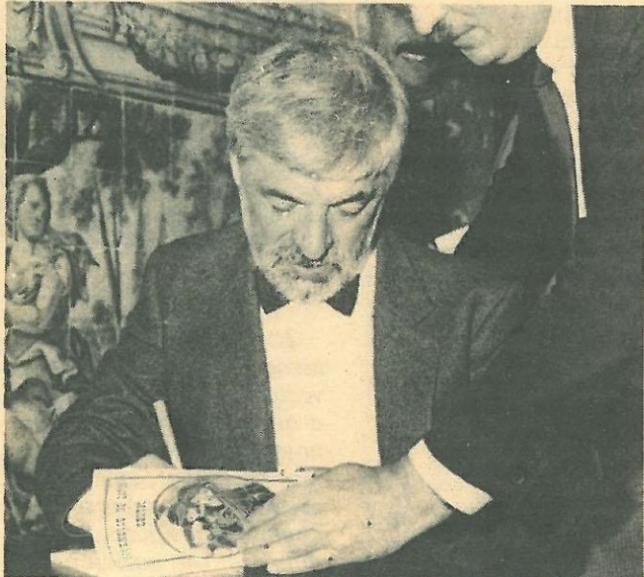
Sócio n.º 566 (17 JUN 74), SÁ FLORES, como é mais conhecido por todos nós, participou, desde o início, nas lutas e actividades da ADFA, tendo sido, nomeadamente, Presidente da então Assembleia Geral de Zona (Lisboa) e também do Conselho Fiscal.

— ELO: Como nasceu a sua ligação à Associação?

— SÁ FLORES: Dado que, desde que aconteceu o acidente, mantive constante contacto com outros deficientes militares, en-

volvi-me, como é de calcular, nos seus, nossos, problemas, principalmente já quando em Lisboa, pelo que participei logo no movimento que daria origem à ADFA.

Aliás, há um episódio



que julgo curioso recordar aqui, passados que são, precisamente, 17 anos sobre ele, portanto, em Julho de 74, que revela já a militância do sócio escritor. É que estando já, escrito, mas na gaveta, o meu primeiro livro, «Sol da noite», ele foi então publicado gratuitamente pela Editorial Lisbonense (já desaparecida), e vendidos, em poucos meses, os seus 5000 exemplares ao preço de 50\$00 cada, tendo revertido a receita total para os fundos de que a ADFA, então com dois meses de vida, tanto necessitava.

— ELO: Fale-nos, então, da sua faceta de escritor.

— S. F.: Embora não propriamente precoce, porque o meu gosto pela vida, a minha inquietu-

de e o meu ser nómada não permitiam o «perder tempo» com a escrita, lembro-me que já pelos 8 anos de idade fazia poesia, quadras. Engraçado, também, que os primeiros escritos mais cuidados fo-

ram para publicação no jornal da minha Companhia, em Moçambique. Entretanto, a cegueira provoca em mim, como se pode supor, uma grande transformação psicológica, entrando num fase em que, não são os amigos que se afastavam de mim, era eu que me afastava deles, sentindo-me perdido para o mundo exterior, procurando uma resposta, impossível, num diálogo apenas comigo próprio.

É então que, na Fundação Sain, conheço Bernardo Santareno que, como psicólogo da instituição, se interessa por mim, pela minha personalidade, homem e deficiente, descobre o poeta e incentiva-me para a escrita, fazendo-me sair da descrença e encontrar nessa actividade o amigo

quanta agonia e sofrimento! As feridas, infectadas pelo calor, pela poeira e pela falta de água e de cuidados, tornaram-se cada vez mais dolorosas. Exalações fétidas contaminam o ar, apesar dos louváveis esforços da Intendência para manter em bom estado os locais transformados em ambulâncias. Os comboios dirigidos para Castiglione continuam a lá lançar, de quarto em quarto de hora, novos contingentes de feridos, e a falta de ajudantes, enfermeiros e serventes faz-se cruelmente sentir. Apesar da actividade desenvolvida por um cirurgião chefe e duas ou três pessoas que organizam transportes para Brésia, em carros de bois, apesar da ajuda espontânea dos habitantes com viaturas que vêm buscar doentes e recolher oficiais, as partidas são bem inferiores às chegadas e a congestão é cada vez maior.

Além, um infeliz tem parte da cara arrancada por um golpe de sabre; o nariz, os lábios, o queixo foram separados do resto do rosto; na impossibilidade de falar e meio cego, faz sinais com a mão, e com esta pantomima grotesca, acompanhada de sons guturais, atrai a atenção. Dou-lhe de beber e faço correr sobre a

procurado, já que, desabafando sem obter resposta directa, obriga a busca permanente.

E é Bernardo Santareno, e a Fundação, que me permitem e apoiam, em 67, julgo a minha verdadeira estreia, através de uma pequena peça — «Reabilitação» —, escrita propositadamente para a ocasião, ensaiada e representada apenas por cegos recentes ou congénitos. Tinha descoberto que a cegueira podia ser uma força e não uma inutilidade, força não só para singrar como também para ajudar os outros.

A partir daí, e tendo sempre como temas, ou pano de fundo, a deficiência, a guerra colonial, a terra e o amor, são já oito os títulos publicados e alguns prémios os recebidos.

— ELO: A terminar esta nossa breve conversa, quer o sócio Sá Flores deixar uma mensagem?

— S. F.: A ADFA tem desempenhado um papel muito importante na reabilitação, não só dos deficientes das Forças Armadas, como de todos os outros, de modo geral. É com alguma mágoa que vejo, actualmente, a ADFA afastar-se um pouco desses princípios e cair em algum isolamento que se vai tornando prejudicial a tudo quanto se relaciona com a deficiência em Portugal.

A nível interno, a nossa «casa» está mais unificada, mas tem de modificar as suas estruturas no sentido de possibilitar maior convívio aos sócios, assim como de fomentar o desporto e outras iniciativas culturais.

PONTO DE ENCONTRO

Em complemento de «Nós com os outros», marcámos encontro com Sá Flores e seu mais recente livro «Viúvos de guerra».

Após a publicação de «Sol da noite» (prosa), «Canto à Revolução» (poesia), «Cabana da liberdade» (prosa), «Justiça Flor Arado» (poesia), «Cantar de amigos» (poesia), «Pedacos de Nós» (poesia) e «Vivências no campim» (contos) que lhe valeram prémios da Própria ADFA (Jogos Florais) da Academia Internacional — «Viúvos de guerra» é um romance como nos disse o autor, «de amor, baseado na realidade e que aborda a situação dos militares que iam para o Ultramar e, deixando cá as noivas e as esposas, no regresso encontravam-se substituídos por outros».

Lançado em Maio último, na Sociedade da Língua Portuguesa, com palavras elogiosas de Urbano Tavares Rodrigues e Carmo Vaz, «viúvos de guerra» pode ser já adquirido, quer na sede e delegações quer nas livrarias públicas.

«Não são facilmente detectáveis na aparência e os defeitos dos seres humanos.

Nela pode notar-se a beleza natural ou trabalhada e quando muito, para os especialistas, indícios importantes para o estudo que pretendem fazer. Poucos não são os recalamentos escondidos na aparência...

Beatriz era uma linda outeirense... um corpo bonita muito atraente, onse se salientavam os olhos castanhos, os lábios carnudos, muito rosados, uma beleza, bem pode dizer-se prematura, tendo em conta que não é muito normal uma mulher aos onze anos atingir a sua maturidade, e apresentar características que a maioria das pessoas, por mais que vivam, não conseguem possuir.

A natureza tem algo misterioso que muito nos surpreende!

A beleza e a ternura que Beatriz nos transmitia facilmente nos poderia levar a pensar que a sua origem derivava de um acto de amor. Nada disso. Foi de um aproximar de corpos de um acto sexual por obrigação.

Aparentemente os malefícios desse acto não eram visíveis, mas interiormente, eles marcavam os passos, o ritmo da vida de Beatriz. Quanta dor ela sentia nos seus pezinhos nus, quando pisava os cardos que encontrava ao longo do seu caminho obrigatório.

... — Senhora Maria, desculpe, ela fez de mim um viúvo. O viúvo de Guerra! O destino dela, só pode ser o outro mundo, nunca os braços de outro homem!»

A HISTÓRIA DA CRUZ VERMELHA E DO CRESCENTE VERMELHO

(Continuação)

Um filho querido dos seus pais, criado e cuidado durante longos anos por uma mãe carinhosa que se afligia à sua menor indisposição; um brilhante oficial, adorado pela família, que em casa deixou mulher e filhos; um jovem soldado que, para se alistar, abandonou noiva, mãe, irmãs e o velho pai; todos jazem na lama, na poeira, ensopados no próprio sangue: a bela e máscula face irreconhecível, o sabe ou a metralha não o poupam. O ferido sofre, expira; e seu corpo, objecto de tantos cuidados, enegrecido, inchado, horroroso, vai ser lançado, tal como está, numa cova mal cavada, coberto por algumas pás de cal e terra. As aves de rapina não respeitarão os seus pés e mãos, mal tapados, no talude que lhes serve de túmulo. Talvez alguém volte com terra para tapar melhor e uma cruz de madeira venha a ser posta no local; e será tudo.

Durante o dia de sábado, o

número de comboios de feridos tornou-se tão grande que as autoridades locais, os habitantes e o destacamento de tropas deixado em Castiglione são incapazes de acudir a tanto sofrimento. Começam cenas lamentáveis como as da véspera, mas dum género completamente diferente: há água e víveres, e no entanto os feridos morrem de fome e de sede, há ligaduras e pensos em abundância, mas não há mãos suficientes para os aplicar nas feridas; a maior parte dos médicos do Exército tiveram de partir para Cavriana, faltam enfermeiros e faltam braços naquele momento crítico. Melhor ou pior, é necessário organizar um serviço voluntário, o que é muito difícil no meio de tal desordem, que se complica com o autêntico pânico que acaba por se apoderar dos habitantes de Castiglione; isto tem por resultado desastroso aumentar prodigiosamente a confusão e agravar, pela emoção desencadeada, o triste estado dos feridos.

Durante os dias 25, 26 e 27

mostram-se de início desejosos de ajudar e começam por reparar cigarros com os austríacos. Ajudam-nos também a prestar assistência um abade italiano, três ou quatro viajantes e curiosos, um jornalista parisiense que se encarrega de dirigir os socorros numa aldeia vizinha e alguns oficiais cujo destacamento tinha recebido ordem de permanecer em Castiglione.

Um jovem turista francês, perturbado pela visão destes destroços vivos, desata subitamente a chorar. Um negociante de Neuchâtel dedica-se, durante dois dias, a pensar feridas e a escrever cartas de despedida às famílias dos moribundos...

Um belga presente...

Alguns soldados do destacamento deixado na guarnição da cidade tentam socorrer camaradas, mas não conseguem suportar um espectáculo que abate o seu moral e choca tão vivamente a sua imaginação.

Três médicos austríacos vêm apoiar um jovem cirurgião militar corso...

Um cirurgião alemão dedica-se aos feridos de ambos os Exércitos.

Um velho sargento, com muitos anos de serviço marcados no

Em breve um núcleo de voluntários é organizado. As mulheres lombardas correm para os que gritam mais alto, nem sempre os mais necessitados.

Algunhas destas improvisadas enfermeiras são belas e graciosas raparigas. A sua doçura, a bondade, os belos olhos cheios de lágrimas e compaixão e os seus desvelados cuidados levantam um pouco o ânimo e o moral dos doentes. Rapazinhos da região vão e vêm da igreja às fontes mais próximas, com baldes, bidões ou regadores.

Entretanto, novos recrutas se nos juntaram: um velho oficial da Marinha e depois dois turistas ingleses que, curiosos, foram espreitar na igreja (e que nós já não deixamos sair, quase que à força). Outros dois ingleses

distintivo da manga, dizia-me com profunda tristeza, convicção e fria amargura: «Se me tivessem tratado mais cedo, eu teria podido viver; assim, já não chego vivo até à noite». De facto, à noite estava morto.

Quantos jovens de dezoito a vinte anos, vindos pensosamente da longínqua Germânia ou das províncias orientais do vasto Império Austríaco, e alguns deles rudes e compulsivamente, terão de suportar, além das dores físicas com as mágoas do cativo, a aversão proveniente do ódio votado pelos milaneses à sua raça, aos seus chefes e ao seu soberano, e não mais encontrarão qualquer espécie de compaixão senão à sua chegada a terras de França! Pobres mães, na Alemanha, Áustria, Hungria e Boémia, como não pensar na vossa angústia quando souberdes que os vossos filhos feridos estão prisioneiros neste país inimigo!

Mas as mulheres de Castiglione, vendo que eu não fazia qualquer distinção entre nacionalidades, seguiam o meu exemplo, testemunhando a mesma benevolência a todos estes homens de origem tão diversas, todos estrangeiros. «Tutti Frateli», repetiam elas com emoção. Hon-

tos anos de serviço marcados no

Nós com os outros

remos estas mulheres compadecidas e estas jovens de Castiglione! Nada as desanimou, cansou ou desencorajou; a sua modesta dedicação não foi afectada por fadigas, desgostos ou sacrifícios. O sentimento de frustração que se experimenta em circunstâncias tão extraordinárias e solenes é um indizível sofrimento. É na verdade excessivamente penoso sentir que se não pode consolar os que estão na nossa frente, nem chegar a tempo aos que nos reclamam com súplica.

Em todas as povoações ao longo da estrada que conduz a Bréscia podem ver-se as aldeias junto às portas, fazendo compressas com fios de linho. Quando um comboio chega, sobem aos carros e mudam as compressas, lavam as feridas, renovam os fios de linho embebidos em água fresca, e metem colheres de caldo, de vinho ou de limonada na boca dos que já não têm forças para levantar nem os braços nem a cabeça.

Durante os oito primeiros dias depois da batalha, os feridos de quem os médicos diziam a meia voz, quando passavam diante dos seus leitos, abanando a cabeça. «Não há mais nada a fazer», não recebiam mais cuidados e ficavam abandonados. E não seria isto natural, considerando o pequeno número de enfermeiros em relação à enorme quantidade de feridos? Não seria dum lógica tão inevitável como desolante e cruel deixá-los morrer sem os cuidar, e sem lhes consagrar um tempo precioso, necessário para destinar aos soldados ainda susceptíveis de cura? Eram muitos os assim antecipadamente condenados. Mas não eram surdos os infelizes sobre os quais se pronunciava este terrível veredicto. Rapidamente se apercebiam do abandono, e era de coração dilacera-

do que exalavam o último suspiro, sem que alguém se comovesse ou lhes prestasse atenção.

Em que se tinha transformado aquela embriaguez profunda, íntima e inexplicável, que electrizava estes valorosos combatentes de uma maneira tão estranha e misteriosa, no início da campanha e no memorável dia de Solferino, quando arriscavam a vida e a sua bravura tinha sede do sangue dos outros homens, que tão irresponsavelmente derramavam? Onde estava agora (como nos primeiros combates, ou quando das entradas triunfais nas cidades de Lombardia) aquele amor à glória e o entusiasmo tão comunicativo, mil vezes ampliado pelo som altivo das músicas guerreiras e das fanfarras altissonantes, estimulado pelo sibilar das balas, frémito das bombas e rugido metálico dos foguetes e das granadas que explodem nessas horas empolgantes, quando a sedução do perigo e uma excitação violenta e inconsciente afastam das mentes o pensamento da morte?

Era nestes numerosos hospitais da Lombardia que se podia ver e entender por que preço se compra aquilo a que os homens chamam pomposamente a Glória, e quanto esta se paga caro!

Mas porque contar tantas cenas de dor e de desolação e transmitir talvez emoções tão penosas? Porque me debrucei eu comovidamente sobre cenas lamentáveis, retratando-as de uma forma que pode parecer minuciosa e desesperante?

A estas perguntas tão naturais, seja-me permitido responder com outra pergunta:

Não haveria forma de, em tempo de paz, fundar Sociedades de Socorros, que teriam por finalidade prestar ou mandar prestar cuidados aos feridos em tempo de guerra, usando voluntários qualificados, zelosos e devotados?»

(Continua)

NOTE BEM: LEIA ATÉ AO FIM É DEFICIENTE FÍSICO? QUER TRANSFORMAR A SUA VIATURA? (QUALQUER MODELO)

COM APROVAÇÃO GARANTIDA PELA
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

— TECNOLOGIA RECONHECIDA PELA CEE —

Sabia que CLAY REGAZONNI, ex-piloto Fórmula 1 que ficou parapléxico num acidente no Grande Prémio — nos Estados Unidos — América — conduz em viaturas por nós transformadas?!

☎ (02) 989 29 45 — RIO TINTO — PORTO
CONTACTE O «GRANDE PRÉMIO»

É DEFICIENTE FÍSICO E QUER TIRAR A CARTA DE CONDUÇÃO? CONSULTE



ESCOLA DE CONDUÇÃO
«O GRANDE PRÉMIO»

SERAFIM DE SOUSA E SILVA

A ÚNICA DO GÉNERO EM PORTUGAL E NA EUROPA
Rua das Perlinhas, 451-467 (junto Estação Caminhos-de-Ferro)
Apartado 44 — 4436 RIO TINTO — PORTO — ☎ (02) 989 94 02

A DISTÂNCIA NÃO É BARREIRA

Não se pisme com estas afirmações!

- Obtenha a sua carta de condução entre 5 e 10 dias.
- Se necessitar estadia, garantimos alojamento.
- Venha saber porque é que a nossa Empresa já mereceu os mais rasgados elogios da RTP, entidades do Governo e outros órgãos da Comunicação Social, por várias vezes.
- Após obtenção da sua carta de condução nesta escola, cada aluno tem ao seu dispor mais de uma centena de contos, totalmente oferecidos pelo Governo, podendo receber directamente nesta Empresa.

E ESTA, HENI! SÓ NESTA EMPRESA

Inscriva-se já. Oportunidade ímpar e limitada. Mais vale prevenir e encantar-se conosco. Só não tira a carta quem não tem cabeça.

RECORTE E GUARDE ESTA NOTÍCIA
PARA SI OU PARA PESSOA AMIGA

Informação aos sócios

ADME

Acordo com estabelecimentos privados

Por haverem chegado à ADFA novas relações de estabelecimentos privados com quem a ADME celebrou contratos, das mesmas se dá conhecimento aos interessados:

■ Fisioterapia (medicina física e reabilitação)

CENTRO DE EDUCAÇÃO E REABILITAÇÃO DA ILHA TERCEIRA, LDA. — Rua dos Salinas, 11 — Angra do Heroísmo;

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA — Rua da Cruz Vermelha, 24 — Estremoz;

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LAGOS — Rua 25 de Abril, 35 — Lagos;

CENTRO DE REABILITAÇÃO DA MALVEIRA, LDA. — Rua António Medina Júnior, 55 — Sintra. (Encargos na consulta: 850\$00/ADME e 500\$00/beneficiário; no tratamento: 100%/ADME).

■ Análises clínicas

URGILAB — Centro de Urgência Laboratorial — Sede: Av. Óscar Monteiro Torres, 20, lojas 2 e 3 — Lisboa. Postos de recolha: Sede, Almada, Cova da Piedade, Barreiro, Algueirão, Odivelas, Loures, Sacavém, Queluz e Arruda dos Vinhos;

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS - dr.ª Maria das Neves Paisana, Lda. — Sede: Rua Pascoal de Melo, 13, r/c E — Lisboa. Postos de recolha: Sede, Baixa da Banheira e Barreiro;

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS — Adelino Simões de Noronha (*) — Sede: Rua Rio de Janeiro, 45 — Angra do Heroísmo. Postos de recolha: Sede e Cidade da Praia da Vitória;

MANUELA GRAVIDÃO — Análises Clínicas, Lda. (*) — Rua General Daniel de Sousa, 57 — Setúbal;

DR.ª BENARDINA SALGADO SANCHO, LDA. — Sede: Estrada Nacional, 202-1.º — Baixa da Banheira. Postos de recolha: Sede, Barreiro e Montijo;

CLINILAB, LDA. — Consultório de Patologia Clínica — Sede: Rua António Enes, 25-A-r/c — Lisboa — Postos de recolha: Sede, Estoril, Alverca, S. João do Estoril, Cacém, Carcavelos, Cascais, Amadora, Parede, Santa Iria de Azóia, S. Pedro do Estoril, Santo Amaro de Oeiras, Seixal, Sintra, Tires e Venda Nova;

BIOLABOR — Laboratórios de Análises Clínicas, Lda. (*) — Rua Luís de Camões, 10 — Santarém;

L.P.C. — Laboratório de Patologia Clínica, Lda. (*) — Sede: Rua Serpa Pinto, 19-1.º — Faro. Posto de recolha: Sede, Faro, Tavira, Olhão, São Brás de Alportel, Almancil, Vilamoura e Albufeira;

JOÃO AUGUSTO PEREIRA DE ALMEIDA & FILHOS, LDA. (*) — Sede: Largo Padre Francisco Nunes da Silva, 1-r/c — Santarém. Postos de recolha: Sede, Pernes, Alcanede e Tojosa;

CENTO DE BIODIAGNÓSTICO — Análises Clínicas, Lda. — Praceta Henrique Caetano de Sousa — Cova da Piedade. (Encargos a 75%/ADME e 25%/beneficiário, excepto nas indicadas com (*) que são a 100%/ADME).

■ Estomatologia

DR. LEONILDO AUGUSTO SAMPAIO LEITE — Rua Cândido dos Reis, 2 — Lamego;

CLÍNICA DE S. COSME DE GONDOMAR, LDA. — Rua 5 de Outubro, 1 — Gondomar.

■ Próteses estomatológicas

LAPODENTE — Laboratório de Prótese Dentária de Espinho, LDA. — Rua Cartoze, 677 — Espinho.

■ Estomatologia e próteses estomatológicas

CARLINDA — Clínica Dentária da Ajuda, Lda. — Calçada da Ajuda, 197-1.º — Lisboa.

■ Vários

— Gastroenterologia, endoscopia, ecografia e proctologia: **GASTROCLÍNICA** — Centro de Diagnóstico e Terapêutica, Lda. — Sede: Rua Agostinho Neto, 11-10.º A; Serviços: Av. Miguel Bombarda, 123-1.º — Lisboa;

— Ecografia, mamografia e TAC: **JOÃO CARLOS COSTA** — Diagnóstico por Imagem, Lda. — Rua Ponte de Lima, 257-r/c — Viana do Castelo;

— Radiologia e ecografia: **CLÍNICA DE AMARANTE, C.A., LDA.** — Rua de S. Sebastião, 80 — Amarente;

— Ginecologia e obstetrícia: **ECOSADO** — Serviços de Ginecologia e Obstetrícia, Lda. — Av. Independência das Colónias, 6 — 1.º dt.º — Setúbal;

— Clínica Geral, especialidades e electrocardiografia: **I.C.P.A.** — Instituto de Cardiologia Preventiva de Almada — Praceta Galileu Saúde Correia, lt. 29/30 — 6 e 6C — Almada;

— Clínica geral, especialidades, ecocardiografia, ecotomografia e electrocardiografia: **CENTRO MÉDICO DE MOSCAVIDE** — Rua Dr. João Gomes Patacão, 15A — Moscavide;

— Clínica geral, especialidades, enfermagem, meios auxiliares de diagnóstico, estomatologia, medicina física e recuperação: **CLÍNICA DA FIDALGA** — Serviços de urgência médico-cirúrgicas — Rua Cidade de Londres, 121 — Cacém;

— Clínica geral, especialidades, enfermagem, medicina física e reabilitação, audiometria, outros actos médico-cirúrgicos, electrocardiografia: **CLINICENTRO** — Policlínica de Coimbra, Lda. — Rua João de Deus, 4 — Coimbra;

— Ecotomografia: **ENDLAB** — Sociedade de Equipamento & Gestão, Lda. — Rua Rodrigo da Fonseca, 151-1.º E — Lisboa;

— TAC e ecografia: **IMI** — Imagens Médicas Integradas — Av. António Augusto de Aguiar, 40 cv — Lisboa;

— Neurologia clínica, electroencefalografia e neuropsicologia: **CARLOS SEBROSA & LUÍS ROSADO** — Clínica Médica, Lda. — Rua Filinto Elísio, 23-1.º esq. — Lisboa. (Em todos os casos não assinalados, os encargos situam-se, normalmente, nos 75%/ADME e 25%/beneficiário, podendo ir, por vezes a 100%/ADME).

Comparticipações

Conforme circular recebida da Direcção do Serviço de Finanças do Estado-Maior do Exército, a partir de 01AGO91, o quantitativo limite da comparticipação a conceder pela ADME nas modalidades de consulta e visita domiciliária, de clínica geral e de especialidades, em regime de livre escolha por parte dos beneficiários das ADMS passa a ser de 2600\$00 (dois mil e seiscentos escudos), por ser este o preço da consulta externa em hospital central, fixado pelo Governo.

Intercâmbio jovem com o estrangeiro

— Mobility International —

Do Secretariado Nacional de Reabilitação recebemos a seguinte informação:

A «Mobility International» é uma organização não governamental — ONG —, fundada em 1974, que se ocupa de projectos para pessoas de nacionalidades e capacidades distintas. Muitos dos que participam nas suas actividades têm necessidades específicas, problemas de mobilidade, deficiências sensoriais ou dificuldades de aprendizagem.

O objectivo desta organização é dar aos jovens oportunidades de contactarem com novas técnicas de aprendizagem e adquirir confiança em si mesmos mediante a deslocação ao estrangeiro.

Esta organização oferece também projectos para grupos de peritos que estejam interessados em explorar as técnicas de trabalho utilizadas com os jovens com necessidades especiais, dentro de um contexto internacional.

Entre as actividades previstas para este ano indicam-se as seguintes:

■ **Semana de lazer para jovens (Redhill, Inglaterra — 10 a 17 de Agosto — dos 18 aos 30 anos — limite de inscrição: 1 de Julho — custos: 160£ esterlinas; subsídio de viagem).**

■ **Faça com que o inglês lhe sirva (Maidstone, Inglaterra — 5 a 16 de Agosto — limite de inscrição: 5 de Julho — custo: 420£, incluindo estada em casa de uma família inglesa, alimentação, excursão de um dia a Londres, 3 saídas).**

■ **Juventude sem preconceitos (St. Moritz, Suíça — 1 a 13 de Setembro — encontro internacional de jovens para comemorar os 700 anos de criação do sistema cantonal suíço — custos: 650 francos suíços, incluindo estada, programas e excursões).**

■ **Sexualidade e deficiência (Groesbeek, Holanda — 12 a 17 de Outubro — só as pessoas com deficiência estão convidadas a participar no seminário — dos 19 aos 30 anos — limite de inscrições: 12 de Setembro — custos: 100£, ajudas de custo).**

■ **Cuidados pessoais na Europa (Bona, Alemanha — 26 de Setembro a 1 de Outubro — dos 18 aos 30 anos — custos: 100£, ajudas de custo).**

■ **Semana europeia da diálise (Maiorca, Espanha — 14 a 21 de Setembro — haverá oportunidade de conhecer a ilha de Maiorca e de contactar com doentes com problemas renais. Durante a semana organizam-se 3 sessões de diálise — custos: 70£, ajudas de custo).**

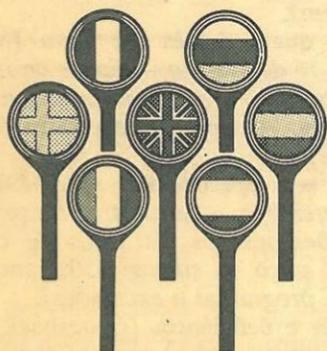
■ **Espondilite anquilopoiética/doença de Bechterw (Hunsbrock, Holanda — 13 a 17 de Outubro — dos 16 aos 30 anos — limite de inscrição: 1 de Agosto — custos: aproximadamente 120£).**



EXPERIÊNCIA VIVA

Interessado no novo Renault Clio? É compreensível.
Indeciso sobre qual a versão que mais lhe convém?
Visite-nos e faça um ensaio do Renault Clio.

...e tudo se transforma



CARRO DO ANO 1991

RENAULT
Ao Ritmo da Vida

CONCESSIONÁRIO

RENAULT PORTUGUESA, S.A. (Sucursal)
Rua Dr. José Espírito Santo, Lote 11-E (Oficina, peças) — Tel.: (01) 859 00 58
1900 LISBOA
Av. Frei Miguel Contreiras, 16-A (Oficina, peças) — Tel.: 80 84 98/88 61 14
1700 LISBOA
Av. de Roma, 25 (Stand) — Tel.: 76 50 71/2 — 1000 LISBOA
Av. Infante D. Henrique, Lote 575 (Stand) — Tel.: 31 91 30/31 91 61 — 1800 LISBOA

NOVA SEDE

PARTICIPANDO CONSTRUÍMOS O FUTURO!

Neste período, dois factos de maior importância há a assinalar: o primeiro, a visita às obras da nova Sede do Chefe de Gabinete do Secretário de Estado da Defesa, dr. Constante Nunes, que ali se inteirou do andamento das mesmas, e o segundo, a entrega de um segundo subsídio de dez mil contos, por parte do Ministério das Obras Públicas, conforme já referido em «Agenda».

Em relação à nossa campanha de fundos, ela ultrapassou este mês, como tínhamos previsto, os oito milhões de escudos.

Transporte (JUN. 91) 7 793 038\$20

SÓCIOS

N.º	NOME	QUANTIA
-----	------	---------

(Sede)

11 452	José J. S. Pereira	10 000\$00
11 212	Diogo A. J. Pies	10 000\$00
8 489	Maximino Vicente	10 000\$00
859	João C. Valente	10 000\$00
8 950	Ramiro C. Sousa	20 000\$00
823	José G. Ascensão	10 000\$00
276	Carlos M. Fanado	10 000\$00
8 638	Mário L. Ferreira	20 000\$00
8 640	Joaquim F. G. Santos	5 000\$00
11 039	Armando J. B. Carrapiço	10 000\$00
558	Jorge M. N. Santos	2 300\$00
5 705	Eduardo A. Serafim	1 000\$00
2 244	Almiro T. Matos	5 000\$00
1 874	Josué R. Soares	5 000\$00
8 941	Luís A. Correia	5 000\$00
392	João X. Teixeira	5 000\$00
7 940	Manuel A. Morais	1 000\$00
9 321	Emiliano J. M. Pinhal	2 000\$00
9 642	Manuel L. L. Silva	5 000\$00
6 636	António B. P. Mendes	5 000\$00
701	Manuel F. C. Praça	2 000\$00
815	José F. P. Eusébio	5 000\$00
10 739	Joaquim N. Ferreira	5 000\$00
1 721	Júlio P. Rocha	5 000\$00
9 815	Vítor G. Ferreira	2 300\$00
1 190	Amílcar D. Gonçalves	5 000\$00
9 916	António P. Rodrigues	5 000\$00
4 435	Manuel C. C. Parracho	2 000\$00
11 763	Flamínio M. Coelho	1 000\$00
5 758	Alfredo J. C. N. Romão	5 000\$00
8 093	José L. D. Beleza	5 000\$00
8 852	António F. Marques	

(Évora)

3 775	João F. Nunes	2 300\$00
863	José J. P. Fernandes	1 000\$00

5 387	Joaquim M. J. Cebola	2 300\$00
3 773	Manuel J. Carvalho	1 000\$00

(Faro)

2 555	Manuel S. Aleixo	2 100\$00
9 187	Eduardo E. Pereira	2 000\$00
6 884	João A. Teixeira	2 300\$00
9 489	Emídio D. Santos	5 000\$00
8 456	Francisco G. Ribeiro	1 300\$00

(Porto)

10 828	António F. Brito	2 000\$00
12 289	José S. Ribeiro	1 000\$00
1 612	Rui D. S. Teixeira	5 000\$00
1 1615	Joaquim M. Carvalho	10 000\$00
2 584	Eduardo R. Alves	11 700\$00
3 535	António Albuquerque	10 000\$00
3 685	Casimiro P. Babo	5 000\$00
—	Joaquim R. Ferreira	2 000\$00
6 756	António P. Barros	3 000\$00
2 452	Alfredo V. Silva	2 300\$00
11 631	David G. Costa	15 000\$00
3 054	António M. Pereira	5 000\$00
12 278	António G. Figueiras	1 000\$00
4 122	Albino F. Loureiro	10 000\$00
4 670	João M. G. Rodrigues	2 300\$00
5 066	Domingos D. Silva	10 000\$00

(Setúbal)

10 831	António A. S. Pereira	2 000\$00
10 920	António J. M. Leandro	2 000\$00
6 001	Albertino S. Lopes	1 000\$00
793	Manuel M. P. Gonçalves	1 000\$00
2 077	António M. Pereira	1 000\$00
2 078	Domingos C. Pires	1 000\$00
2 367	Joaquim A. Raposo	1 000\$00
4 500	Manuel J. G. Caeiro	1 000\$00
1 098	José D. Lobo	1 000\$00
4 636	Aristides F. Santinho	2 000\$00
1 705	António C. Carvalhinho	10 000\$00
3 365	Joaquim L. S. Patrício	11 000\$00
5 372	Joaquim L. Rosa	1 000\$00
—	José F. F. Castilho	2 000\$00

(Vila Nova de Famalicão)

7 333	José M. G. Ferros	10 400\$00
11 583	José C. P. Soares	10 000\$00

A transportar (JUL) 8 168 638\$20



Viaturas OPEL

MOD.	PREÇO BASE	P.V.P.
CORSA		
SW 1.0S 3P	1 000 310\$00	1 346 885\$00
SW 1.2NV 3P	1 075 110\$00	1 532 353\$00
SW 1.2NV 4P	1 146 310\$00	1 615 657\$00
SW 1.2NV 5P	1 125 210\$00	1 590 970\$00
GL 1.2NV 3P	1 155 270\$00	1 626 140\$00
GL 1.2NV 4P	1 207 170\$00	1 686 863\$00
GL 1.2NV 5P	1 189 770\$00	1 666 505\$00
GL 1.4NV 5P	1 219 970\$00	1 847 908\$00
JOY 1.4NV 3P	1 321 320\$00	1 966 487\$00
SW 1.5D 4P	1 386 010\$00	2 127 310\$00
SW 1.5D 5P	1 374 710\$00	2 114 089\$00
KADETT		
LS 1.2SC 3P	1 266 000\$00	1 755 694\$00
LS 1.2SC 5P	1 319 400\$00	1 818 172\$00
LS 1.4NV 3P	1 368 500\$00	2 021 688\$00
LS 1.4NV 4P	1 443 900\$00	2 109 906\$00
LS 1.4NV 5P	1 432 000\$00	2 095 983\$00
LS 1.7DA 4P	1 555 500\$00	2 638 085\$00
LS 1.7DA 5P	1 534 900\$00	2 613 983\$00
BEAUTY 1.4NV 4P	1 573 800\$00	2 261 889\$00
BEAUTY 1.4NV 5P	1 562 000\$00	2 248 083\$00
BEAUTY 1.5TD 4P	1 881 400\$00	2 706 916\$00
BEAUTY 1.5TD 5P	1 869 500\$00	2 692 993\$00
LS 1.7DA 5P (Caravan)	1 651 400\$00	2 750 288\$00
VECTRA		
GL 1.4 4P	1 693 900\$00	2 402 406\$00
GL 1.4 5P	1 740 100\$00	2 456 460\$00
GL 1.7D 4P	2 050 700\$00	3 217 269\$00

AUTOMÓVEIS FIAT

MOD.	PREÇO BASE	P.V.P.
UNO 45-3P	952 576\$00	1 265 264\$00
UNO 45S-3P	1 040 610\$00	1 307 270\$00
UNO 45S-5P	1 108 132\$00	1 447 264\$00
UNO 60S-3P	1 067 700\$00	1 453 264\$00
UNO 60S-5P	1 130 948\$00	1 453 264\$00
UNO 60 SX	1 232 657\$00	1 527 264\$00
UNO 60 S CTX	1 242 118\$00	1 646 264\$00
UNO 70 SX-3P	1 243 176\$00	1 661 264\$00
UNO 70 SX-5P	1 293 604\$00	1 833 264\$00
UNO DIESEL 3P	1 208 182\$00	1 892 265\$00
UNO TURBO 5P	1 573 347\$00	1 731 264\$00
TIPO 1.1	1 321 546\$00	2 215 264\$00
TIPO 1.4	1 297 022\$00	1 750 264\$00
TIPO 17D	1 469 404\$00	1 896 264\$00
TEMPRA 1.4 SX	1 628 646\$00	2 509 264\$00
TEMPRA (Carrinha)	1 732 065\$00	2 405 264\$00

AUTOMÓVEIS VOLKSWAGEN E AUDI

MOD.	PREÇO BASE	P.V.P.
GOLF CL 1.3 4 P	1 401 291\$00	1 916 999\$00
GOLF CL 1.3+4 P	1 720 950\$00	2 291 000\$00
GOLF CLD 1.6 4 P	1 893 501\$00	2 940 000\$00
GOLF CLTD+1.6 4 P	2 395 210\$00	3 527 000\$00
JETTA CL 1.3	1 491 890\$00	2 023 000\$00
JETTA CLD 1.6	1 953 992\$00	3 010 775\$00
JETTA CLTD 1.6	2 448 201\$00	3 589 000\$00
PASSAT CLTD 1.6	2 802 048\$00	4 003 000\$00
PASSAT VAR CLTD 1.6	3 032 818\$00	4 273 000\$00
AUDI 80 TD 1.6	2 513 500\$00	3 665 399\$00

— Os valores acima expostos, não contemplam as despesas do despachante no desalfandegamento da viatura, excepto para a marca Opel.

Os sócios interessados nestas viaturas podem telefonar para 859 50 16 a partir das 19H30, Alberto Pinto.

Outras informações nas horas de expediente: 346 21 67/8.

CENTRO MÉDICO CIRÚRGICO CENTRAL DE LINDA-A-VELHA E MIRAFLORES

SERVIÇO MÉDICO PERMANENTE (SMP) URGÊNCIAS DENTÁRIAS

E

DIVERSAS ESPECIALIDADES MÉDICO-CIRÚRGICAS

SEDE: Av. Carolina Michaëlis, 30, r/c-B-C em LINDA-A-VELHA — Tel. 419 20 83-419 40 59
(Entrada pelo n.º 22-D da Rua Diogo Couto)

FILIAIS: Primeira com Laboratório de Prótese Dentária em ALGÉS

Av. Combatentes da Grande Guerra, 48-B (Edifício da C. G. D.) — Tel. 411 46 66

Segunda e Terceira a inaugurar durante o corrente ano respectivamente em, CASTELO BRANCO e LAGOS

A — Apoiamos especialmente:

- 1.º Nossos utentes ditos Fundadores e Convencionados.
- 2.º Atletas de Alta Competição em geral, mas especialmente os do SCP, Club Maratona de Portugal e da FPF (Ex. juniores).
- 3.º Artistas de reconhecida categoria mundial (ex. Mike Jagger, Victor Mendes, Raul Solnado, Francisco Nicholson, José Viana e Dora Leal, etc.).
- 4.º Sócios de um Serviço Médico «Expresso».
- 5.º Embaixadas, Empresas Seguradoras e muito especialmente os militares dos 3 Ramos das FA's mormente os seus Deficientes.

B — Somos um modelo de Policlínica que desejaríamos ver implementada a nível de todas as Freguesias ou Bairros do País, pois para nós tem sido aquele que melhor aceitação tem merecido da parte do crescente número de Utes (em primeiro lugar) e dos nossos Servidores (em segundo lugar).



SERVIÇOS FÉRIAS

Como é natural neste período, muitas são as alterações nos horários dos serviços quer da Sede quer das Delegações, sobre o que não chegaram, no entanto, até à hora da composição deste ELO, informações precisas.

Assim, recomenda-se aos associados, principalmente aos que vivem mais afastados que se pretenderem qualquer serviço, telefonem a saber quais e quando estão abertos.

NOTA: Em relação à Sede, informam-se os interessados, desde já, que as consultas do dr. Brito, a partir do dia 12 de Setembro, passam a ser às 2.ª e às 5.ª feiras.

Sócios convivem, participando!

A partir para férias, e a encerrar este ELO, que melhor que as imagens de magníficos e saudáveis momentos de convívio associativo, não só em Setúbal como também em Bragança e Faro?

De Bragança já falámos no ELO de Junho e de Faro não dissemos nada porque foi reunião integrada no período eleitoral. De qualquer maneira, e tendo-nos chegado algumas fotografias à Redacção, entendemos que completariam, da melhor maneira, esta «imagem» associativa.

Quanto a Setúbal, e não demorando muito, podemos dizer que cerca de 200 pessoas (talvez para mais) responderam ao convite feito pela Direcção da Delegação local, transformando o dia 6 numa inolvidável jornada de confraternização associativa, em que os discursos exaltados e aglutinadores foram, e muito bem, substituídos por não menos vibrantes e participativas cantorias, assistindo-se, nas conversas e trocas de impressões generalizadas, a uma forte demonstração de vontade de continuar e engrandecer a ADFA.

Não querendo, porque foram muitos e alguns poderiam ser esquecidos, falar em nomes, quatro apontamentos, no entanto, ser-nos-ão permitidos: a dinâmica do Faria, sócio e empregado da Delegação; a presença, desta vez para não trabalhar, da D. Engrácia, da cantina da Sede; o grupo de artistas que, actuando graciosamente, nos deu fado castiço e verdadeiro e, finalmente, a grande adesão de empregados da Sede (nem todos sócios) e suas famílias.



J.M.S.

SETÚBAL



J.M.S.



J.M.S.



J.M.S.



J.M.S.



BRAGANÇA



FARO